

Um Olhar sobre o Passado: Tensionamentos Teóricos na Pesquisa em História do Jornalismo¹

Cristiano Anuniação²

Resumo

O entrecruzamento entre história e jornalismo gera uma série de tensionamentos teóricos na pesquisa em história do jornalismo. Neste vínculo entre as duas áreas, identificamos, primeiramente, o problema de identidade que vive o pesquisador do jornalismo. Afinal, ao debruçar-se sobre o passado, faria ele uma historiografia ou pesquisa nesta subárea da Comunicação? O modo como o pesquisador lida com tal questionamento interfere na sua relação com o objeto de estudo. Daí, como evidenciar as diversas formas de fazer jornalismo (processos jornalísticos) e as características do contexto analisado (processos históricos)? Este trabalho visa, portanto, discutir essas questões e buscar pistas que possam auxiliar o pesquisador que empreende o estudo em história do jornalismo.

Palavras-chave: Pesquisa; História do Jornalismo; Processos Jornalísticos; Processos Históricos.

Apresentação

A relação que a história mantém com as outras áreas das ciências sociais e humanas pode causar um problema de identidade no pesquisador, caso o território de origem dele não tenha um forte alicerce teórico-epistemológico. Esta é a situação do campo de pesquisa do jornalismo, que ainda busca compor suas bases conceitual, teórica e metodológica para estabelecer um estatuto próprio dentro da sua matriz, a área da Comunicação.

Quando analisamos, de modo preliminar, as pesquisas em história do jornalismo, verificamos alguns impasses de ordem epistemológica na conexão existente entre as diversas formas de fazer jornalismo (processos jornalísticos) e as características do contexto estudado (processos históricos). O primeiro deles faz emergir uma questão fundamental (de

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista; doutorando em Comunicação (UnB); mestre em Jornalismo (UFSC); e graduado em Comunicação Social/Jornalismo (UESB). E-mail: crisanun@gmail.com.

onde partimos para desenvolver este trabalho) para esta subárea da Comunicação. Afinal de contas, se trata de historiadores ou pesquisadores do jornalismo?

Se conseguirmos encontrar alguma pista em favor do campo de pesquisa do jornalismo, muitos obstáculos começam a ser ultrapassados nos seus estudos. No entanto, outros questionamentos aparecem (também em forma de perguntas). Como os estudos em jornalismo dialogam com a História? Onde termina a historiografia e começa a pesquisa em jornalismo? Como a prática jornalística é evidenciada historicamente?

Vamos buscar discutir essas questões. Para isso, faremos dois percursos neste texto: o primeiro, entre a historiografia e a pesquisa em jornalismo, a fim de saber qual o papel do pesquisador do jornalismo; e o outro, por meio dos processos jornalísticos e os processos históricos, no que tange à tarefa de pesquisa na nossa subárea, o jornalismo.

Entre a historiografia e a pesquisa em jornalismo

Se a história – como indica Paul Veyne (2008) – não tem método e nem é ciência³ (em relação ao modelo clássico de ciência), esta condição pode se estabelecer de modo bem mais embaraçoso para a história do jornalismo. Isto porque o campo de pesquisa do jornalismo, que também demanda para si o estudo⁴ em história do jornalismo, ainda se esforça para constituir um estatuto próprio dentro da sua matriz, a área da Comunicação.

Como resultado de uma soma, o percurso da história é definido por entrecruzamentos (história da sociedade, história da política, história da economia, história da cultura, história da ciência etc.). É possível dizer que tudo tem uma história, mas, caso seja retirado esse “tudo”, a história se desfaz (PONTES, 2008). A história, por esse motivo, “possui sua possibilidade de existência em um ‘de’ que lhe acompanha e polariza suas relações” (PONTES, 2008, p. 169).

Na história do jornalismo, essa tênue fronteira gera uma certa crise de identidade no pesquisador do jornalismo. Estaria ele fazendo uma pesquisa historiográfica ou um estudo

³ Esse *status* não representa um problema para a história. Pelo contrário, é sua potencialidade. Segundo Veyne (2008, p. 18), a história é uma narrativa de eventos, conhecimento por meio de documentos. Sua narração situa-se para além dos documentos, visto que nenhum deles pode ser o próprio evento.

⁴ Como bem nota Romancini (2007), já existe um *corpus* de história do jornalismo, que provém tanto de historiadores quanto de pesquisadores da Comunicação.

teórico em jornalismo? Em alguns momentos, se coloca como historiador, cuja autoridade lhe é dada pela primeira e espécie de “mãe de todas as ciências do homem” (FOUCAULT, 1966, p. 476), embora tenha aparecido antes das ciências humanas. Em outros, afirma-se como comunicólogo, reivindicando um lugar de fala nas ciências sociais e humanas.

Tomar a posição de pesquisador em jornalismo é, conforme Felipe Pontes (2008), ainda mais complicado, já que a correspondência mais comum a essa identidade o leva à sua prática profissional. Tal comportamento é bastante problemático para o campo de pesquisa desta subárea. Ao deslocar-se da atribuição que lhe compete, o pesquisador passa a se relacionar com o objeto de estudo do mesmo modo que o jornalista (repórter, geralmente) faz seu trabalho na redação ou via mercado editorial.

Isto posto, poderemos ver – equivocadamente, em nosso ponto de vista – apresentados como resultado de uma pesquisa acadêmica em jornalismo a elaboração de perfis e biografias de pessoas, além de trabalhos sobre empresas de mídia, períodos históricos etc. Contudo, mesmo que desfrutem de ótima qualidade editorial (na apuração, na escrita, nas proposições deontológicas da profissão do jornalista etc.), estes produtos são de outra natureza (da prática profissional). Eles podem, obviamente, ser excelentes objetos de análise ou referência bibliográfica, mas não se configuram (ou, pelo menos, não deveriam) como trabalho final (artigo científico, dissertação de mestrado e/ou tese de doutorado) de uma pesquisa em jornalismo.

Um outro aspecto para pensarmos sobre os estudos em história do jornalismo é compreender o papel da história na prática de pesquisa em jornalismo. Por isso, deve ficar claro que levar em conta a história, “não é necessariamente realizar estudos históricos, mas se valer da teoria da história para empreender a análise” (BARBOSA, 2005, p. 53), invertendo, desta maneira, a lógica do historiador, que busca apreender “o contexto social, político, econômico, em primeiro lugar, e ao qual se soma os periódicos, por exemplo” (BARBOSA, 2013, p. 5). Neste caso, para o pesquisador da Comunicação, a centralidade é o fenômeno jornalístico.

Além disso, destacamos a ligação direta que o jornalista tem, em sua prática profissional, com *o presente, o imediato, o agora*. Esta relação com o tempo é diferente da que ocorre com o estudioso da história do jornalismo. Mesmo que o propósito do

pesquisador em jornalismo seja entender o presente (como a teoria e a prática jornalística são organizadas na atualidade), o foco dele é direcionado para o passado.

O estudo das diferentes formas de manifestação do jornalismo ao longo dos séculos possibilita o exercício de suspensão do presente, uma vez que nem sempre o jornalismo foi do jeito que é atualmente. O exercício crítico do passado descaracteriza teorias que evidenciam exclusivamente a descrição, que apontam categorias da atualidade como regras para descrever todo o jornalismo independente do contexto e do tempo (PONTES, 2010, p. 18).

Ao fazer a história do jornalismo, o pesquisador não pode dispensar a apreciação de seus conceitos fundamentais (jornalismo, meio de comunicação, comunicação etc.), tal como afirma Luiz Claudio Martino (2008) ao falar da história da comunicação. Deste modo, nosso ponto de partida para entender o jornalismo – como o conhecemos até os dias atuais –, são os meios de comunicação que emergem no século XIX, conformados a partir da ascensão da modernidade e do surgimento do capitalismo, com a sociedade urbana, industrial e, cada vez mais, globalizada.

Em termos epistemológicos, é a partir daqui que distinguimos historiografia (análise geral) e história do jornalismo (visão particular). Sem esta compreensão, a história do jornalismo apareceria apenas como uma nova nomenclatura para algo que já encontramos por toda parte – seguindo o pensamento de Martino (2005) acerca da história da comunicação – e que pode ser chamado de história da civilização, história das relações sociais, história do comércio, história do consumo, história da vida privada etc.

Em última instância, o que se encontra em jogo são duas compreensões em relação aos meios de comunicação: para o historiador, trata-se da via pela qual são gerados os documentos que dão acesso ao passado, enquanto que, para o comunicólogo, os meios de comunicação dizem respeito às tecnologias que geram uma matriz social (a atualidade mediática, esfera pública, cultura do presente...), modificam a experiência social e, portanto, a própria categoria de tempo e a noção de historicidade (MARTINO, 2008, p. 29).

Esta concepção marca a diferença de perspectiva entre o historiador e o comunicólogo (o pesquisador do jornalismo, no caso deste trabalho), além de discorrer sobre uma nova prática social que possibilita – a partir de um dado momento na história – uma mudança na forma como as pessoas se relacionam. Neste sentido, levar em consideração a emergência histórica (demarcação temporal) dos fenômenos jornalísticos suscita implicações conceituais, teóricas e metodológicas no campo da pesquisa.

O pesquisador que desconsidera esta premissa cai no engano de imputar ao jornalismo (bem como a seus processos e produtos) uma existência em relação a determinado período histórico que esta prática ainda não dispunha, como faz Jorge Pedro Sousa (2008), por exemplo, ao fixar a gênese da atividade jornalística na antiguidade clássica (delimitada por ele como pré-jornalismo) ou as actas romanas como sendo os primeiros “jornais”.

Até aqui, podemos considerar dois aspectos (que se complementam) para pensar a atividade jornalística em relação à história: o jornalismo nem sempre existiu na história da humanidade e nem tudo é resquício de jornalismo. Isso faz com que o pesquisador desta subárea – ao compreender o jornalismo em sua dimensão histórica – passe a revisitar, em uma perspectiva crítica, os objetos de análise que envolvem sua região de entorno (tais como o entendimento de fato, acontecimento, notícia, reportagem, nota, editorial, jornal, telejornal, repórter, editor etc.).

Os processos jornalísticos e os processos históricos

Nas pesquisas históricas, os produtos jornalísticos têm valor de documento. O que se examina, como pesquisador, são apenas *vestígios* deixados por fontes inesgotáveis (página de jornal, capa de revista, entrevista em programa de rádio ou televisão, carta escrita pelo leitor, fotografia etc.), uma vez que – como certifica Walter Benjamin (1987) – articular historicamente o passado não quer dizer conhecê-lo como de fato aconteceu, e sim apropriar-se de uma parte fragmentada dos acontecimentos, visto que não há uma reprodução deles, mas uma interpretação.

Um ponto também fundamental para refletirmos sobre os estudos em história do jornalismo é compreender o papel da história na prática de pesquisa em jornalismo. Por isso, deve ficar claro para o pesquisador que levar em conta a história, “não é necessariamente realizar estudos históricos, mas se valer da teoria da história para empreender a análise” (BARBOSA, 2005, p. 53). Quando compreende isso, ele fica à vontade ao lançar um olhar sobre o passado com a pertinência teórica do jornalismo.

Outra possibilidade da análise em história do jornalismo para os estudos da nossa subárea é relacionar as diversas formas de fazer jornalismo (processos jornalísticos) às características dos contextos estudados (processos históricos), considerando, inclusive, suas dimensões políticas, econômicas e culturais. O uso efetivo dos instrumentos para impressão tipográfica no Brasil, por exemplo, dependeu da chegada da corte portuguesa ao país, para onde se transferiu em 1808, após fugir da invasão napoleônica que assolava a Europa naquele momento (ROMANCINI; LAGO, 2007).

O cuidado do olhar do pesquisador ajuda a ultrapassar alguns obstáculos, entre eles uma visão bastante genérica das práticas sociais (em que tudo é considerado jornalismo), de que seu exercício de pesquisa se esgote na mera informação de nomes e datas (impondo-lhe uma tarefa descritiva), uma interpretação da história do jornalismo que, às vezes, chega a parecer inerte (não processual), além da manifestação de quaisquer juízos de valor de determinado período histórico em relação a outro (como se uma prática não fosse fruto também de seu tempo).

Nesta estrutura, Marialva Barbosa (2013) elenca aspectos metodológicos para fazer a história do jornalismo. Por um lado, pensar o jornalismo em suas múltiplas dimensões (prática profissional, campo de estudos, lugar de saber e disputas de poder, assim como parte de um diálogo com o público). Por outro, considerar as épocas, os processos sociais e as relações humanas (produção de sentidos dos meios de comunicação, onde há o cruzamento de várias subjetividades – a do jornalista, a do público etc.).

Assim, ao invés de nos determos exclusivamente nas materialidades (as páginas dos jornais), nas gramáticas (o discurso que profere) e na organicidade (as estruturas empresariais, gerenciais e processos produtivos) há que visualizar, sobretudo, os sujeitos envolvidos diretamente nessa história. A história do

jornalismo deve ser também uma história das ações humanas (BARBOSA, 2013, p. 7).

O que se espera é que o pesquisador, em sua análise, possa ir além da materialidade dos produtos jornalísticos. E, com efeito, em se tratando da história do jornalismo, alicerçar a relação existente entre o texto (produto jornalístico) e o contexto (processo histórico), formulando conceitos, teorias e métodos. Diante disso, o produto jornalístico em si pode ter muito a dizer, mas, sem o referido contexto histórico, se torna *estático, estanque*.

Os produtos jornalísticos, aliás, podem nos apresentar marcas e traços dos processos jornalísticos e, conseqüentemente, dos processos históricos nos quais eles estão inseridos. Esta constatação aparece aqui como uma hipótese de pesquisa, mas tal abordagem já foi desenvolvida em outros estudos de preocupação metodológica que buscam verificar a produção jornalística a partir de seus produtos (cf. SILVA, 2008; SILVA; MAIA, 2011; STRELOW⁵, 2007). A discussão vale, obviamente, para os trabalhos em história do jornalismo.

Considerações finais

Nos últimos anos, os estudos em história do jornalismo têm ganhado bastante ênfase, não só os que se ocupam do resgate dos processos jornalísticos (análise sobre os fenômenos), mas também os que querem pensar este tipo de pesquisa (reflexões acerca dos modelos teóricos destas duas áreas que se entrecruzam). Por enquanto, nosso interesse aponta para esta última categoria, ao realizamos uma “pesquisa da pesquisa”.

Buscamos, neste texto, manifestar a história do jornalismo com o olhar voltado para o campo de pesquisa do jornalismo. Porém, ter noção do conjunto de características que formam sua identidade de pesquisador desta subárea da Comunicação não é condição necessária para o intento que pretendemos nesta jornada. É uma tarefa contínua, na qual o pesquisador precisa requerer para si o exercício da “vigilância epistemológica”

⁵ A autora afirma que os produtos jornalísticos, quando transformados em objetos de análise, “revelam-se vivos e repletos de histórias a serem descobertas por detrás da palavra enunciada” (STRELOW, 2007, p. 1).

(BACHELARD, 1977; BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010; LOPES, 2005; THIOLENT, 1982)⁶.

Tanto os fenômenos jornalísticos quanto as reflexões a respeito do modo como as pesquisas são realizadas se colocam como potenciais objetos de estudo. Com relação à história do jornalismo, vislumbramos muitas possibilidades. Para isso, um bom começo é firmar a compreensão histórica dos processos jornalísticos, bem como em relação aos conceitos, teorias e métodos do seu campo de pesquisa.

Referências

BACHELARD, Gaston. **O racionalismo aplicado**. Tradução de Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BARBOSA, Marialva. O método e a análise histórica do jornalismo. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Manaus, 2013.

_____. O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. **Contracampo**. Niterói, v. 12, p. 51-62, 2005.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense. 3ª ed. p. 222-232, 1987.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de António Ramos Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARTINO, Luiz Claudio. Classificação e exame crítico da literatura sobre história da comunicação. In: RIBEIRO, Ana Paula; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X Globo Universidade, p. 27-43, 2008.

_____. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo da comunicação. In: CAPPARELLI, Sérgio; SODRÉ, Muniz; SQUIRRA, Sebastião (Orgs.).

⁶ De um modo geral, a vigilância epistemológica diz respeito a um cuidado permanente que o pesquisador deve ter com as condições e os limites das técnicas e dos conceitos utilizados no seu fazer científico.

Livro da XIII compós 2004: a comunicação revisitada. Porto Alegre: Sulina, p. 41-66, 2005.

PONTES, Felipe. Teoria e história do jornalismo: confluências e divergências das teorias do jornalismo e da história. **Interin**. Curitiba, v. 10, n. 2, p. 1-23, jul./dez. 2010.

_____. Do jornalismo e da história à história do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano v, n. 2, p. 167-185, jul./dez. 2008.

ROMANCINI, Richard. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, p. 23-47, 2007.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SILVA, Gislene. Problemática metodológica em jornalismo impresso. **Rumores**. São Paulo, v. 1, n. 1, jul./dez. 2008.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**. São Paulo, v. 10, p. 18-36, jul./dez. 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no ocidente. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, 2008.

STRELOW, Aline. Análise global de processos jornalísticos. In: V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Aracaju, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1982.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 4ª ed., 2008.